

Mulheres e religiosidade na Idade Moderna

Wilma de Lara Bueno¹ - PPG-UFPR/UTP

A escolha do objeto da presente pesquisa surgiu a partir da leitura da vida de Tereza de Ávila, no contexto das discussões dos conteúdos de História Moderna que aconteciam em sala de aula, durante a abordagem das Reformas Religiosas na Europa do século XVI. Também se pretendia eleger um tema como objeto de estudo e de pesquisa que se vinculasse à referida disciplina, como parte do programa de pesquisa que integra o projeto pedagógico do Curso de História da Universidade Tuiuti do Paraná. Assim, o projeto “Mulheres e religiosidade na Idade Moderna”, teve como objetivo estudar o surgimento das congregações femininas no contexto do Renascimento e das Reformas Religiosas do século XVI.

A problemática inicialmente se esboçava no sentido de conhecer o perfil das mulheres que ingressavam na vida religiosa e como reagiam aos costumes da época. Ou seja, tentar recuperar evidências acerca de suas práticas religiosas e como se relacionavam com a sociedade de sua época. Para atender aos apelos dessa pesquisa, a consulta ao acervo documental da Biblioteca Claretiana do Instituto Teológico do Paraná, vinculada à Pontifícia Universidade Católica (Curitiba – Pr), tornou-se lugar-comum à medida que nesse local encontram-se os registros acerca das fundações congregacionais, bem como uma variada produção de obras hagiográficas.

As idéias teóricas que subsidiaram e ainda estão subsidiando a pesquisa procedem dos historiadores que se debruçam sobre a História das religiões ou das religiosidades. Recorre-se, inicialmente, a Alphonse Dupront e à discussão que ele propõe em seu artigo, “Antropologia religiosa”, em um dos volumes da obra “A Nova História: novos problemas, novos objetos e novas abordagens”.¹ Esse historiador mostra as particularidades da história da religião, seus

1. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação do Curso de História da UFPR; Professora de História da Universidade Tuiuti do Paraná.

vínculos com as estruturas de longa duração e suas possibilidades de abordagens diversificadas, considerando uma pluralidade de fontes, desde rituais, idéias, obras, objetos, catecismos, etc.. Esse campo de pesquisa vem ocupando um lugar de destaque nos últimos tempos e mostrando que, ao contrário do que se pensa, a pesquisa sobre o fenômeno religioso e suas manifestações resulta em possibilidades múltiplas que se entrelaçam aos vários aspectos da vida em sociedade, particularmente o político, em que as relações de poder estão em constates confrontos.

Além dos teóricos da religião, a pesquisa se apropria das contribuições dos historiadores das relações de gênero que procuram trazer para o campo da historiografia os vínculos e as práticas sociais que se estabelecem entre homens e mulheres em determinados contextos e que forjam representações, valores culturais, hegemonias que escondem relações de poder. Nesse sentido, os estudos de gênero na perspectiva das historiadoras, Joan Scott, Michelle Perrot, Natalie Davis constituem referências obrigatórias para a realização da presente pesquisa.²

Na busca das fontes destacaram-se, inicialmente, as obras literárias especializadas em assuntos religiosos referentes à época estudada, particularmente, “Histoire Du Concile de Trente” de Sforza Pallavicini, organizada em três tomos distintos, apresentando vasta abordagem de temáticas referentes à doutrina da Igreja Católica; os registros das fundações das Congregações, especialmente, das “Irmãs de São José” (1648), da “Irmãs Redentoristas” (1638/1719) e da “Sociedade das Filhas de Maria” (1790). Essas congregações foram escolhidas por serem as mais antigas na documentação disponível no acervo do Instituto Teológico. Muitas das outras fontes que estão disponíveis foram reservadas para outra pesquisa, pois elas datam do século XIX, quando as congregações já adquirem outras configurações, interferindo no perfil e na atuação das ordens femininas, no contexto das exigências sociais e políticas da época.

A tentativa de recuperação da participação das mulheres na esfera religiosa nos mostra que a efetiva integração delas à vida clerical foi objeto de contestação, desde os tempos em que a Igreja Católica lançava os fundamentos de sua organização, enquanto instituição. No início da Idade Média, no alvorecer das ordens monásticas, a busca da ascese, nas modalidades da vida eremítica ou cenobítica era uma rotina predominantemente masculina. Pressupunha-se que não era possível à mulher viver “*entregue a si mesma, só e sem tutor masculino: pai, irmão ou marido. Os santos homens, esses podiam subtrair-se ao mundo para se aproximarem de Deus partindo para irem viver no deserto – numa caverna, numa cisterna fora de uso, no fundo de um túmulo, sobre uma coluna de pedra*”.³

A Igreja propunha-lhes o modelo de uma pequena comunidade de mulheres pertencentes a mesma família, com algumas servas: “*As saídas são muito raras; a oração e os trabalhos têxteis ocupam o essencial do tempo (...) Progressivamente, são acrescentadas algumas regras. ‘Que o tecido das tuas vestes não seja precioso. O teu vestido será negro, não tingido, mas da cor natural...(...) Se encontrares um homem, vela teu rosto e baixa os olhos (...)*”.⁴ No entanto, esse ideal de santidade não era reconhecido como competência feminina, sendo considerando “demasiadamente sério para ser entregue às mulheres”.

Essa concepção, no entanto, não impediu que ao longo dos séculos se criassem espaços destinados ao público feminino, porém, supervisionados pelo controle masculino. A pesquisa tendo como fontes estudos hagiográficos também revelou testemunhos de mulheres que romperam esse controle e buscaram refúgio até mesmo nos desertos tornado-se, a exemplo dos eremitas, santas mulheres que realizavam milagres e atraíam um público interessado.⁵

Na sociedade européia, as idéias de exclusão feminina da vida religiosa se estenderam até meados do século XVI, no bojo das transformações renascentistas e reformistas. Nesse período, em resposta às tensões entre católicos e protestantes, o Concílio de Trento (1545-1563) inaugurou um tempo de florescimento de ordens religiosas, destacando-se também as

femininas. A realização do Concílio iria marcar uma retomada do clima de insatisfação que reinava no interior da Igreja e que já havia sido denunciado por vários grupos e segmentos religiosos. Pairava, de maneira geral, um tempo sombrio no que se refere aos costumes morais. Lorenzo Davídico da ordem barnabita afirmava: *“el tiempo de los santos ha pasado, de tal modo que no debe uno sorprenderse de la vida disoluta y escandalosa de los nuevos religiosos”*.⁶ A situação de decadência da Igreja atingia, sobremaneira, alguns conventos que funcionavam como refúgio de mulheres insatisfeitas, excluídas, órfãs, longe, porém, de significar um espaço de florescimento das vocações.⁷

Essa constatação motivou que homens e mulheres se esforçassem em busca de alternativas para sua recuperação, iniciando-se um movimento de reforma no interior da própria igreja. Sobrevivia, como influência do contexto renascentista, um profundo interesse pela natureza humana o que possibilitou um movimento de renovação interior, no sentido de se buscar de um crescimento espiritual. Para os religiosos da época, *“es necesario, además, poner la mano en el arado, practicar la reforma interior, vencerse a uno mismo. Ante todo, la reforma es una cuestion individual, un trabajo totalmente íntimo al que antecede la gracia de Dios, pero al que hay que prestarse con la mayor decisión”*.⁸ Observa-se, portanto, um empenho na elaboração de programas de exercícios espirituais. Nesse sentido, a obra de Tereza de Ávila “Castelo Interior”⁹ também pode ser lida como uma possibilidade de diálogo com as aspirações dessa natureza, à medida que Tereza expõe idéias e orienta suas companheiras no caminho para a plena realização interior.

No contexto das transformações trazidas pelo Concílio de Trento, a Reforma Católica manifestou efetivos frutos na criação de inúmeras ordens religiosas tendo como tarefa a renovação eclesial destinada à orientação espiritual do povo, à educação do clero, à assistência aos doentes, ao ensino e proteção dos pobres. Entre outras iniciativas, essas intenções suscitarão exemplos de vocações que se efetivaram na criação de diversas ordens femininas. As Carmelitas Descalças (1582), as Ursulinas (1544), as Irmãs de São José (1648),

as Vicentinas (1668), as Redentoristas (1638), entre muitas outras podem ser referências para se pensar as possibilidades de inserção das mulheres nas experiências religiosas, a partir do cumprimento de programas específicos. Em atendimento às necessidades de um tempo difícil, pontuado pelas guerras religiosas, devastação e fome, essas congregações, particularmente, têm sua origem marcada pelo o atendimento aos pobres e abandonados, pela prática da caridade e pela vida de oração.

Assim, a pesquisa ateve-se, inicialmente, à recuperação dos primeiros passos da fundação da Congregação Irmãs Redentoristas,¹⁰ evidenciando-se que desde 1638, ocorria uma iniciativa de se formar uma comunidade religiosa feminina em Scala, na cidade de Nápoles. Naquela época, em consequência de violentas perturbações políticas, essa comunidade se resumia a um simples asilo de jovens pobres, que viviam do trabalho manual e de esmolas do município. Em 1719, uma missão pregada pelo clero pertencente aos “Pios Obreiros” suscitou a idéia de se restabelecer nessa comunidade um perfil vocacional destinado a uma missão específica: *“ora sepultando-se na vida oculta, ora evangelizando após o Salvador, as povoações mais abandonadas”*.¹¹ Em 1720, dezenove jovens mulheres começaram, sob a orientação dos padres desse grupo, a busca da vida perfeita, obedecendo as regras de Santo Agostinho e as Constituições de São Francisco de Sales.

Do século XVII data também a fundação da Congregação das Irmãs de São José. De acordo com a documentação encontrada no acervo do Instituto Teológico, essa congregação foi criada em 1648 por São Francisco de Sales na cidade de Puy, na França, para atender às aspirações de viúvas e jovens piedosas que desejavam retirar-se do mundo para se consagrar a serviço de Deus e não podiam ser recebidas nos mosteiros porque não dispunham de dotes e de instrução. Idealizou-se, então, a formação de uma sociedade na qual as almas, que não pudessem aspirar ao claustro, vivessem sob uma regra de votos simples, substituindo a clausura e a austeridade da vida monástica pela dedicação ao próximo. Esta obra revela que

no dia 15 de outubro de 1648 na festa de Santa Tereza de Jesus, D. Henrique de Maupas, experimentava uma das grandes alegrias de sua vida:

(...) Sua Excelência reuniu aquelas moças no Hospital-Orfanato das Órfãs de Puy, deu-lhes regulamento de vida no dia 15 de outubro, festa de Santa Tereza de Jesus, do ano de 1650, o Ilustre Prelado fez-lhe uma exortação plena da unção do Espírito de Deus, animando as novas irmãs ao mais puro amor de Deus e a mais perfeita caridade para com o próximo. No fim, deu-lhes benção como testemunhos extraordinários de cordialidade e paternal bondade para essa Congregação. Colocou-as sobre a proteção do glorioso São José e ordenou que o instituto se chamasse “Congregação das Irmãs de São José”. Deu-lhes a regras de conduta e prescreveu-lhes a forma do hábito.¹²

Uma outra documentação diz respeito à fundação da “Sociedade das Filhas do Coração de Maria” fundada no final do século XVIII, pelo Reverendo Padre de Clorivière com a finalidade de salvar a vida religiosa que se achava ameaçada pelas propostas revolucionárias emergentes na França. A proposta da irmandade era prestar auxílio aos necessitados, criando-se, Casas de Educação, Escolas Profissionais, Casas de Retiros, Dispensários, etc. A irmandade foi regida pelos postulados inicianos, e subteve-se que seria uma ordem feminina integrada na vida social, estando parte do tempo na experiência que era denominada de “vida oculta” e parte vinculada à vida social.

O estudo inicial dessa documentação possibilita que algumas considerações já se efetivem no sentido de perceber aspectos concernentes à história das mulheres que fizeram da vida religiosa uma opção de vida. A abordagem dessa modalidade de escolha revela aspectos comuns à recuperação das mulheres na história, no sentido de que também nessa condição de vida, elas enfrentaram preconceitos e discriminações. Essas constatações estão presentes nas perseguições e desconfianças por parte do clero às mulheres que apresentavam iniciativas de fundar uma ordem, construir um mosteiro ou reunir companheiras em torno de uma vida comum. O chamado a essa vocação era visto sem a devida seriedade, entendido apenas como uma manifestação de sensibilidade que marcava o universo feminino. A fundação de uma ordem ou a elaboração de uma norma de conduta era obtida somente mediante o aconselhamento de um eclesiástico, depois de um longo interrogatório com teólogos

conhecedores da vida religiosa. Por essa razão, as congregações que se aventuram a solicitar um pedido de reconhecimento e autorização, esperavam muitos anos para serem regularizada pelo clero masculino. Mas a reação feminina nem sempre foi de acanhamento ou tolerância frente aos obstáculos impostos para sua atuação. As mulheres reagiam de maneiras diversas e buscavam mecanismos próprios para obter suas conquistas, mostrando determinação e objetividade, revelando que em nada se assemelhavam ao modelo de abnegação fartamente divulgado pelos preceitos religiosos do catolicismo.

Nesse sentido, o espaço do convento ou do mosteiro revela-se também como um campo dinâmico, permeado de relações conflituosas e de disputa por posições hegemônicas.

¹ DUPRONT, Alphonse. A religião: Antropologia religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (direção). **História: novas abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

² SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**, São Paulo: UNESP, 1992 ; DAVIS, Natalie. **Nas margens: três mulheres do século XVII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997; PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

³ GATIER, Pierre-Louis. Mulheres no deserto? In: BERLIOZ, Jacques. **Monges e religiosidade na Idade Média**. Lisboa: Terramar, 1994, p. 169.

⁴ Ibid., p. 171

⁵ Os mosteiros femininos surgiram lentamente subsidiado pelo controle masculino. Nos primeiros tempos, não passavam de aglomerações das pessoas, vinculadas às famílias dos monges – irmãs e mães – destinadas à vida de oração e de ajuda aos pobres. Na época sobrevivia a mentalidade de que as mulheres não eram confiáveis para a escolha da vida ascética, em razão das exigências impostas a essa escolha. No entanto, os estudiosos revelam experiências de viúvas, escravas e pessoas ligadas à nobreza que instalaram mosteiros no deserto da Palestina e do Egito. Segundo os estudiosos, elas eram mulheres fortes e virtuosas que se esforçavam para viver como eremitas. Há relatos das que atraíam pessoas, realizavam milagres, forneciam conselhos, praticando a cura com a imposição das mãos.

⁶ CRISTIAN, L..Trento: **História de la Iglesia**. Valência: EDICEP, 1976, p. 289.

⁷ LAVEN, Mary. **Virgens de Veneza: vidas enclausuradas e quebra de votos no Convento Renascentista**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

⁸ CRISTIAN, L..Trento: **História de la Iglesia**. Valência: EDICEP, 1976, p. 293.

⁹ JESUS, Santa Tereza de (Tradução das Carmelitas Descalças). **Castelo Interior ou Moradas**. São Paulo: Paulinas, 1984.

¹⁰ MEULTESTER, Maurício de. **As Irmãs Redentoristas: sua vida, sua história, sua oportunidade**. São Paulo: Ave-Maria, 1925.

¹¹ Ibid., p. 7.

¹² REVIVENDO UM LONGÍNQUO PASSADO. Resumo histórico da Congregação das Irmãs de São José (Filhas do Pequeno Projeto, 1648-1954). São Paulo: Ave-Maria, 1955, p. 117.

REFERÊNCIAS

AUBER, R. et al. **Nova História da Igreja: a igreja na sociedade liberal e no mundo moderno II**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

-
- BERLIOZ, Jacques. **Monges e religiosos na Idade Média**. Lisboa: Terramar, 1994.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti; YUNES, Eliana (org.). **Mulheres de palavra**. São Paulo: Loyola, 2003.
- CRISTIANI, L. **Trento**: história de la iglesia. Valência: EDICEP, 1976.
- DUPRONT, Alphonse. A religião: Antropologia religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (direção). **História**: novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- FRANZEN, August. **Breve História da Igreja**. Lisboa: Presença, 1998.
- GATIER, Pierre-Louis. Mulheres no deserto? In: BERLIOZ, Jacques. **Monges e religiosos na Idade Média**. Lisboa: Terramar, 1994.
- JONSON, Paul. **História do cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- LAVEN, Mary. **Virgens de Veneza**: vidas enclausuradas e quebra de votos no Convento Renascentista. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- MAUREL, Chanoine. **La Congrégation de Notre-Dame du Calvaire de Gramat**. Limoges: Bontemps, 1928.
- MEULEMEESTER, Mauricio de. **As Irmãs Redemptoristas**: sua vida, sua história, sua oportunidade. São Paulo: Tipografia Ave Maria, 1925.
- PALLAVICINI, L. P. Sforza. **Histoire du Concile de Trente**. Montrouge: Catholique de Migne, 1844.
- REVIVENDO UM LONGÍNQUO PASSADO: resumo histórico da Congregação da Irmãs de São José (Filhas do Pequeno Projeto, 1648-1954). São Paulo: Ave Maria, 1955,
- REYNAUD, Elisabeth. **Tereza de Ávila ou o divino prazer**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- YUNES, Eliana; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (orgs.). **Mulheres de palavra**. São Paulo: Loyola, 2003.